



PLATAFORMA DE PAZ E SEGURANÇA DE CABO DELGÁDO



<https://multimedia.europarl.europa.eu>

www.cddmoz.org

Sexta - feira, 24 de Maio de 2024 | Ano 3, n.º 47 | Director: Prof. Adriano Nuvunga | Português

ENVIO DE MAIS TROPAS RUANDESAS PARA CABO DELGADO

Filipe Nyusi consolida Ruandização de Cabo Delgado

- Prescindiu da tropa da SAMIM alegando falta de dinheiro, mas foi buscar os ruandeses numa operação sem transparência do ponto de vista de financiamento da operação e de ganhos para o regime de Kigali



Créditos: O País

A relação nebulosa entre o Presidente da República (PR), Filipe Nyusi, e o Presidente do Ruanda, o ditador e sanguinário Paul Kagame, segue firme, mesmo em fim de mandato do actual incumbente. Na mais recente visita do PR a Kigali, capital do Ruanda, a relação que com o tempo vai pendendo mais

para o lado de interesses pessoais do que propriamente de Estado, pelo menos do lado moçambicano, deu mais um passo. Kigali vai despachar mais militares, em número não especificado, para se juntarem aos 2500 que se encontram em Cabo Delgado desde 2021.

A informação foi partilhada pelo PR na hora do

balanço da visita de dois dias (16 e 17 de Maio) que efectuou a Kigali. É uma mensagem clara que Nyusi emite do ponto de vista de preferência de ajuda para o combate ao terrorismo depois de prescindir da ajuda da força da Missão Militar da Comunidade de Desenvolvimento da África Austral em Moçambique (SAMIM), alegadamente por falta de dinheiro para financiar as operações da missão. O Centro para Democracia e Direitos Humanos (CDD) considera preocupante a inclinação de Nyusi para Kigali tendo em conta dois aspectos. O primeiro e o mais importante é que Nyusi está em fim de mandato e, por isso, se devia abster de tomar tão importante decisão e cuidar de fazer as malas para a reforma. O segundo aspecto tem que ver com o facto de que a relação entre Kigali e Maputo nunca foi transparente, sobretudo do ponto de vista de ganhos que o Ruanda tem ajudando Moçambique, tirando a entrega dos opositores políticos de Paul Kagame que se encontram em Moçambique, por via do Acordo de Extradicação recentemente ratificado pelos deputados da Frelimo na Assembleia da República.

“Esta semana [semana passada] está a desembarcar mais contingente, não para trocar, mas para acrescentar fluxo. E isso por causa da SAMIM, e quando sair definitivamente da zona de Macomia vamos ocupar”, disse Filipe Nyusi, sem avançar números. Entretanto, algumas fontes falam de um reforço inicial de 1000 homens.

A visita de Nyusi a Kigali acontece numa altura em que a SAMIM está a sair de Cabo Delgado, alegadamente por falta de dinheiro para financiar as operações da missão, mas também com a justificação de que a situação de segurança está controlada. A decisão de desmobilização da SAMIM foi tomada em Setembro de 2023 em Luanda e mantida pela Cimeira de Lusaka, em Abril. A SAMIM está em Cabo Delgado desde meados de 2021 e compreende oito países do bloco regional, nomeadamente Angola, Botswana, RDC, Lesotho, Namíbia, Malawi, África do Sul, Tanzânia e Zâmbia.

Ora, daqui, emergem duas questões. A primeira é a de saber o que vêm, então, fazer as tropas ruandesas se a situação de segurança está controlada. A segunda é: qual é a fonte de fi-

nanciamento dos militares despachados para Cabo Delgado, tendo presente que o Governo moçambicano não tem dinheiro.

Há, para nós, uma resposta que parece óbvia: Kigali é a preferência de quem governa Moçambique para as operações em Cabo Delgado. No balanço da visita que fez a Kigali, Nyusi deixou claro que o novo contingente vai garantir segurança nas regiões que eram de actuação da SAMIM que deve abandonar o país até Julho, sendo que neste momento já saíram do Teatro Operacional Norte as tropas de Angola, Botswana, Lesotho e Namíbia.

Informação disponível dá conta de que pesou para a saída da SAMIM a relação tensa¹ que se criou entre o bloco regional e Filipe Nyusi, que é acusado de dar mais atenção à tropa ruandesa. Pesou também para a saída da SAMIM o sentimento de que se estava a combater ao lado da tropa inimiga. É que a SADC tem uma tropa a combater o M23, um movimento apoiado pelo Ruanda. O Presidente da RDC, Félix Tshisekedi, que no domingo, 19 de Maio, foi vítima de uma tentativa de golpe de estado por indivíduos ligados aos insurgentes que actuam naquele país, tem estado a denunciar que há uma mão de Kigali na guerra na RDC.

É preciso lembrar que a relação entre a SAMIM e o Ruanda foi desde os primeiros dias problemática. É que o Ruanda chegou primeiro a Cabo Delgado, ou seja, o Governo criou condições para receber e acomodar o Ruanda antes da SAMIM, o que deixou a liderança do bloco, sobretudo a África do Sul. A mesma África do Sul, lembre-se, disse há dias que estaria disponível para continuar em Cabo Delgado, mas ainda não teve resposta do Governo.

As relações entre o Ruanda e Kigali ganharam outro dinamismo no consulado de Filipe Nyusi.

Em 2019 é aberta a embaixada ruandesa em Maputo, num contexto de perseguição que se manifestou através de raptos e assassinatos de opositores políticos de Paul Kagame. A implantação da embaixada foi vista pelos refugiados ruandeses como sendo um dos factores que pioraram a sua segurança em Moçambique, sobretudo depois da indicação de Claude Nibanzwe, como Alto Comissário, o mesmo



Créditos: O País

diplomata que em 2014 foi expulso da África do Sul por suspeitas de envolvimento no assassinato de Patrick Karegeya, antigo chefe dos serviços secretos do Ruanda, encontrado morto num hotel de Joanesburgo.

Com a instalação da embaixada, apontada como centro de planificação das incursões do esquadrão da morte ruandês, foram mortos ou raptados muitos refugiados. Por exemplo, em 2019, foi assassinado Louis Baziga². Louis Baziga foi assassinado com uma arma na Av. da OUA, conhecida como “Estrada Velha”, próximo da loja “Midas” da cidade da Matola.

Em 13 de Setembro de 2021, Revocant Karemangingo, vice-presidente da Associação dos Refugiados Ruandeses em Moçambique (ARRM), foi assassinado a tiro perto da sua residência, no Bairro Liberdade, cidade da Matola. Revocant Karemangingo foi a primeira vítima do esquadrão da morte ruandês depois da entrada da tropa ruandesa em Moçambique.

Ainda no ano de 2021³, concretamente no mês de Maio, a comunidade ruandesa reportou o desaparecimento forçado do jornalista Ntamuhanga Cassien, que se encontrava exilado na Ilha de Inhaca, cidade de Maputo. Cassien, de 37 anos, foi raptado por um grupo de oito pessoas que se identificaram como sendo agentes da PRM. Mais tarde circularam informações segundo as quais Ntamuhanga Cassien tinha sido extraditado para Ruanda para cumprir uma pena de 25 anos a que foi condenado em 2017 por crimes de conspiração contra o Governo e cumplicidade em acto terrorista, num processo com motivações políticas. Não obstante a intensificação das acções do esquadrão da morte ruandês no mandato de Nyusi, as primeiras vítimas de Kigali foram feitas em 2002, com o assassinato de Théogène Turatsinz⁴.

Em 2021, Kigali envia a sua tropa para Cabo Delgado, principalmente para o coração e cintura do projecto de gás de Afungi, sem clareza

¹ <https://savana.co.mz/?p=6273>

² <https://observador.pt/2019/08/26/presidente-da-comunidade-ruandesa-em-mocambique-assassinado/>

³ <https://cddmoz.org/wp-content/uploads/2020/07/Nyusi-abre-portas-para-o-Patrao-Kagame-recolher-seus-opositores-politicos-refugiados-em-Mocambique.pdf>

⁴ <https://www.voaportugues.com/a/murder-mozambique/1528399.html>

sobre as contrapartidas, o que levanta suspeitas de que Kigali venha a ter dividendos no gás a ser extraído de Afungi. Neste mês foram enviadas mais tropas de Kigali para Cabo Delgado. Em 3 de Junho de 2022, em Kigali, capital do Ruanda, são assinados dois acordos⁵ pelo Ministro de Estado para os Assuntos Constitucionais e Legais do Ruanda, Nyirahabamina Soline, e pela Ministra da Justiça, Assuntos Constitucionais e Religiosos de Moçambique, Helena Kida.

Trata-se do Acordo de Extradicação e do Acordo sobre a Assistência Mútua Legal em Matéria Criminal, cuja aprovação pelo Conselho de Ministros foi feita em Fevereiro de 2023, e a ratificação pela Assembleia da República em Março de 2024, o que legaliza a perseguição dos refugiados ruandeses em Moçambique.

Chegados aqui, não parece haver dúvidas de que o Ruanda é o parceiro ideal para Nyusi no combate ao terrorismo.

Uma relação com um ditador e violador de direitos que ganhou asas

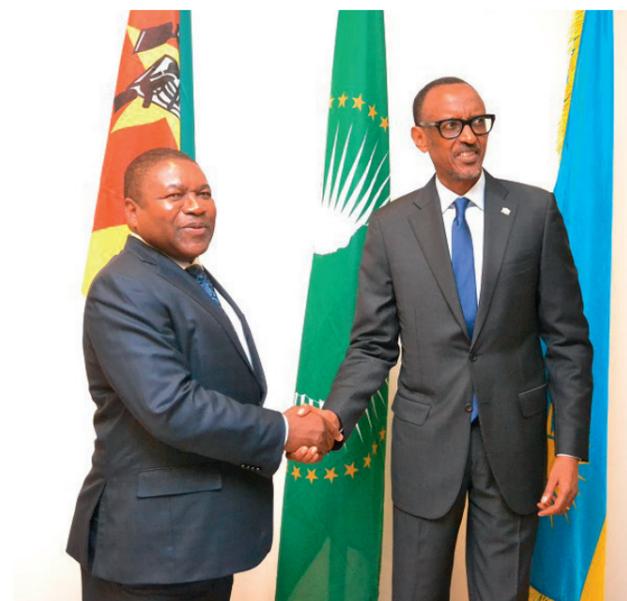
O grande amigo de Filipe Nyusi é uma figura conhecida como alérgica à democracia e violador de direitos humanos. Em Kigali não há oposição. É Kagame que escolhe a dedo os seus opositores. Os opositores de verdade são perseguidos, presos, seviciados e em casos extremos assassinados. Uma das moedas de troca pela ajuda que Kigali presta a Moçambique é aprovação e ratificação do Acordo de Extradicação entre os dois países, um acordo que só beneficia o Ruanda, tendo em conta que não se conhece um único indivíduo procurado pela justiça moçambicana que se encontre no Ruanda.

Em Moçambique, como vimos, estão muitos refugiados ruandeses que Kagame acusa de terem participado do Genocídio no Ruanda. Com o Acordo de Extradicação, esses ruandeses estão desesperados, porque serão entregues ao regime de Kigali. Muitos ruandeses foram raptados e outros assassinados pelo esquadrão da morte ruandês, perante o silêncio cúmplice de Maputo.

No dia 18 de Maio, foi recusada a entrada a um representante da Human Rights Watch no Ruanda. Um comunicado do porta-voz do Governo de Kigali diz que a HRW não pode entrar naquele país por alegadamente ter “consistentemente fabricado relatórios e distorcido a realidade do Ruanda”. O documento diz que a HRW pode continuar a “fabricar relatórios” “sem forçar visitas ou estar presente no Ruanda 18 de Maio”.

O CDD considera preocupante a inclinação de Nyusi para Kigali tendo em conta dois aspectos. O primeiro e o mais importante é que Nyusi está

em fim de mandato e, por isso, se devia abster de tomar tão importante decisão e cuidar de fazer as malas para a reforma. O segundo aspecto tem que ver com o facto de que a relação entre Kigali e Maputo nunca foi transparente, sobretudo do ponto de vista de ganhos que o Ruanda tem ajudando Moçambique, tirando a entrega dos opositores políticos de Paul Kagame que se encontram em Moçambique por via do Acordo de Extradicação recentemente ratificado pelos deputados da Frelimo na Assembleia da República. É ainda mais preocupante o silêncio do Estado e suas instituições, e da sociedade que assistem a uma relação que pode ser prejudicial para o país no futuro.



⁵ <https://www.cartamz.com/index.php/politica/item/15791-kagame-devera-comecar-a-extraditar-seus-inimigos-este-ano>



Construindo uma sociedade democrática que promove, protege e respeita os Direitos Humanos.

Building a democratic society that promotes, protects, respect human rights & transform people's lives.

INFORMAÇÃO EDITORIAL:

Propriedade: CDD – Centro para Direitos Humanos
Director: Prof. Adriano Nuvunga
Editor: André Mulungo
Autor: CDD
Layout: CDD

Contacto:
 Rua de Dar-Es-Salaam Nº 279, Bairro da Sommerschild, Cidade de Maputo.
 Telefone: +258 21 085 797

CDD_moz
E-mail: info@cddmoz.org
Website: <http://www.cddmoz.org>

PARCEIROS DE FINANCIAMENTO

